

## PREÂMBULO

### O ENCANTO DA ESCRITA E DA LEITURA

Segundo Gay Talese, um dos melhores jornalistas americanos da atualidade, o leitor deseja qualidade informativa, texto elegante, matérias com conteúdo, análise, profundidade. Daí a importância de se escrever com cuidado, talento, beleza literária, sem alinhamento com ideologias ou modelos autoritários. “A notícia tem que ser escrita como ficção, algo para ser lido com prazer. Descobrir histórias que valem a pena ser contadas, fora dos padrões conhecidos”.

Quem escreve, pois, deve (buscar) encantar o leitor, ser consistente, investir em temas criativos, fugir da monotonia, com a garra e alma de romancista ou poeta. Magias da literatura e da comunicação. O navegar, o mergulhar entre ideias. O trabalho de quem nos insere no mundo sedutor das palavras, das narrativas, proezas, epopeias, o verbo lapidado. Cenários e enredos encantadores, tecidos em versos ou capítulos, onde nos deparamos com o imprevisível, o reflexivo, o palpitante. Viagens pelo universo do êxtase, da criação, da emoção, empolgação, magia.

Não importa a forma ou conteúdo – romance, poesia, conto, crônica – eis sonhos, existências, ficções, personagens, culturas, rincões, cidades, linguagens, povos, postos e expostos num simples pedaço de papel a nos sensibilizar, a excitar-nos a visão, a imaginação. O escrever – desde os registros rupestres nas cavernas, até os dias atuais – permitiu a consolidação evolutiva da humanidade, preservando e fomentando o conhecimento, experiências, informações, descobertas, inspirações, interrogações, curiosidades, mistérios – desafios para onde somos levados, arrastados pelos inesgotáveis, misteriosos oceanos da poesia e sabedoria.

## Arquitetura, oração e história

Julho foi tempo de celebrações importantes em São Tiago, município que lembrou sua emancipação política e prestou homenagens ao seu padroeiro. Como toda boa história tem grandes protagonistas e cenários marcantes, esta edição do Sabores & Saberes apresenta Manoel Marques de Carvalho, arquiteto e construtor do templo local.

*Pág. 6*

### Serra São José e suas libélulas



Além de cartão postal encantador, a imponente Serra São José é habitat para lista infindável de seres vivos. Não por outro motivo, atrai pesquisadores ávidos por catalogar espécies e alavancar ações protetivas. Um exemplo é o trabalho assinado pelos biólogos Lúcio Bedê, Werner Piper e Marcos de Souza em parceria com o professor Ângelo Machado. O foco: libélulas que vivem na única reserva brasileira desses insetos.

*Pág. 8*

## Estrada Real: novo capítulo em sua história

Páginas e páginas de livros; narrativas e mais narrativas populares têm a Estrada Real e seus caminhos como marco. Atualmente, projetos culturais, turísticos e comerciais a tornam rota de redescobrimto, memória, experiências ricas e encantamento. O fato de ser velha conhecida, no entanto, não tira dela sua capacidade de surpreender. Mais ainda no Campo das Vertentes, que tem mais municípios do que normalmente se divulga nessa rota.

*Pág. 10*

## Ler, escrever, crescer

Ana Luiza Vieira Morais é uma adolescente de 17 anos. Aluna da E.E. Afonso Pena Júnior, carrega na alma e na escrita a vivacidade de quem (re)descobre sua comunidade todos os dias. Nas palavras da jovem escritora, a Festa do Café-com-Biscoito ganha contornos de ainda mais encantamento sob a sombra frondosa de um Ipê que ganha vida, alma e sentimentos. O texto de Ana Luiza venceu o 1º Concurso Literário da Biblioteca Comunitária no Cerrado e foi publicado na íntegra em nosso boletim.

*Pág. 16*

# ADIVINHAS

- 1- O que está presente em todos os meses, menos em abril?
- 2- O que o parque de diversões e o caminhão têm em comum?
- 3- Qual a única pedra que fica em cima da água?
- 4- O que a areia disse para o mar?

Respostas: 1- A letra o; 2- A roda gigante; 3- A pedra de gelo; 4- Deixa de onda

## Provérbios e Adágios

- Só percebemos o valor da água depois que a fonte seca
- Muitas vezes se diz melhor calando do que falando em demasia
- Como o verniz cobre um pote de barro, as palavras fingidas cobrem um coração mau
- Não importa o quanto você foi longe no caminho errado. Volte para trás



### Para refletir

- O fraco rei faz fraca a forte gente. (Camões)
- Escritor é aquele que aprende a todo momento de qualquer pessoa. (Paulo Mendes Campos)
- Todo homem deve libertar-se, todo homem deve realizar um grande gesto, todo homem deve conhecer a profundidade e amargura de seu limite. (Paulo Mendes Campos)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira e Mariane Carla Fonseca.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Leticia Stefany dos Santos Santiago

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

### COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Leticia Stefany dos Santos Santiago



## João Pinto de Oliveira compõe Conselho de Administração do Sicoob Central Crediminas



O Sistema Central Crediminas renovou seu Conselho de Administração no final de junho, com posse oficial de todos os membros eleitos em março. À época, nove cooperativistas do Estado foram aclamados por unanimidade para compor o grupo, encabeçado por Geraldo Souza Ribeiro. Membro do Sicoob Agrocredi e vice-presidente do Conselho de Administração do Bancoob, ele conta ainda com lesser Cunha Lauar (Sicoob Credijequitinhonha); João Batista Bartoli de Noronha (Sicoob Credicaf); José Pedro Garcia Reis (Sicoob Credivar); Júlio Cezar Aguiar Diniz (Sicoob Credivag); Júlio Cezar Ribeiro de Andrade (Sicoob Credifor); Reginaldo Dias Machado (Sicoob Frutal); Vitor Hugo Gomes (Sicoob Crediará) e João Pinto de Oliveira, idealizador e presidente do Conselho de Administração do Sicoob Credivertentes, na equipe.

Um perfil do gestor, que também coordenou a Unidade de Administração Regional 3 (UAR-3) desde 2015, foi publicado no Conexão Crediminas, que chega às mais de 80 singulares de MG.

## BOTA FORA DE LIVROS

É comum encontrarmos, ao longo de nossas estradas e mesmo em ruas da periferia, lixo deixado por pessoas irresponsáveis, incivilizadas. Entulhos, restos ou dejetos de quintais, eletrodomésticos e móveis velhos, dentre tantos, lançados à margem de rodovias e logradouros públicos.

O que assusta é encontrar livros, muitos em excelente estágio de conservação, igualmente descartados à beira das vias públicas, jogados nas ruas ou em lixeiras. Há cerca de dois anos, dezenas de livros foram lançados em área baldia na Pavuna (à altura do Estádio do Guarani) e infelizmente em período chuvoso. Quando informados, passados já alguns dias ou mais de semana do deplorável fato, pouco ou nada se pode fazer. A chuva tinha danificado irremediavelmente os livros, alguns de considerável valor didático e histórico. Tinham se transformado em lama. Soube-se que tinham sido ali atirados (descartados) por pessoa culta e de relevo na sociedade.

Por que não doá-los para as bibliotecas existentes na cidade?



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



## O RETIREIRO FOLIÃO

Era ele profissional da área de saúde, clínica conceituada instalada no centro da cidade, atendendo vasta clientela local e regional. Era igualmente produtor rural, propriedade localizada no município de Ritápolis, onde desenvolvia diversas atividades produtivas, dentre elas pecuária leiteira. Mantinha ele ali umas vinte a trinta vacas em lactação sob a responsabilidade de um empregado retireiro, pessoa reservada quando no serviço, por vezes de comportamento extrovertido. O leite, após ordenhado, acondicionado em latões de 50 litros, era levado ao ponto de embarque, nas circunvizinhanças da fazenda, à espera do caminhão leiteiro que diariamente os transportava até o laticínio em cidade próxima.

Naquele carnaval, sua casa achava-se em festa. Aniversário de uma das filhas. Estavam recepcionando inúmeros familiares e amigos, residentes em localidades, algumas distantes, que vinham visitá-los, ao ensejo dos festejos momescos, permitindo uma permanência de mais dias. Um momento de grande confraternização familiar. Tinham todos da casa se esmerado nos preparos: ligeira reforma da residência, cozinha e despensa reforçadas, roupas de cama e banho renovadas, auxiliares contratados para bem atender os tão esperados hóspedes.

Sexta-feira à noite, alguns visitantes já chegados, casa em agitação, toca a campainha da residência. Era a esposa do retireiro que muito inibida, desengraçada, desconcertada, informando, a pedido do marido, que este não poderia trabalhar durante o carnaval. Adoecera subitamente, num quadro de prostração e febre. A esposa apresentara atestado médico de que estava com estafa, requisitando licença por uma semana. Que o patrão providenciasse um substituto. Este olha o relógio, aproximando as vinte e uma horas. Como conseguir outro retireiro para o dia seguinte, assim de momento, de última hora?! Como pudera o empregado ter adoecido tão repentinamente, se ainda naquele dia, cerca de umas três horas atrás, o patrão, ao deslocar-se até o sítio, o encontrara em

plenas condições físicas, vendendo saúde e até lhe dera carona até a cidade?!

Estupefato, busca ainda alguns contatos, inclusive com vizinhos, intentando encontrar um substituto. Inutilmente. Ainda mais em véspera e dias de carnaval. O máximo que conseguira fora um rapzinho para ajudar, mas sem experiência de retireiro. Não teve o patrão outra alternativa senão amanhecer no sítio e ele mesmo, em carne e osso, dar o duro – ordenha, trato de animais, limpeza de estábulos e currais, até mesmo arrumar uma larga cerca que dois touros brigentos tinham derrubado.

À noite, no domingo, quando em casa assistia junto a familiares o noticiário sobre o carnaval, eis que uma reportagem de TV exibia flashes de blocos de rua se agitando em algumas cidades históricas mineiras. Para espanto de todos, à frente de um daqueles blocos de rua, eis o retireiro da fazenda participando ruidosamente dos festejos...

Assim se passariam os dias de carnaval, ali virtualmente aprisionado no retireiro. Não pudera conviver com os familiares e visitantes, vendo todos os seus planos de lazer e confraternização familiar irem por água abaixo. Indignado, nesse período, provera contato com um marchante, conhecido e conceituado comprador de gado da região. Dissera-lhe por telefone: - Quero que você venha até meu sítio e leve todo o plantel. Não deixe uma criação sequer pra remédio. Pague-me o que quiser, quando e conforme quiser...

Assim foi feito. Quarta-feira de cinzas, pela manhã, dois caminhões adentram a porteira da fazenda e procedem ao recambiamento e transporte de todo o gado. O proprietário iria além. Estabelecera igualmente contato com um vizinho que, tempos anteriores, manifestara interesse em adquirir sua propriedade, negociando a venda por telefone, a jato. Na segunda feira, quando o empregado malandro chegou, não havia retireiro e o imóvel tinha já novo dono. Que fosse extravasar sua irresponsabilidade em outra freguesia...



# MARY MITCHELL

## A primeira Astrônoma Profissional

**1818-2018**  
**200 anos de**  
**nascimento**

Considerada a primeira astrônoma profissional dos Estados Unidos e provavelmente do mundo, Mary Mitchell nasceu aos 01/08/1818, em Nantucket, Massachussetis. Tornou-se mundialmente famosa e reconhecida entre os cientistas, ao descobrir em 1847 um cometa, o C/1847 T1, que leva seu nome. Foi eleita para a Academia de Artes e Ciências dos Estados Unidos em 1848. Estudou na escola do famoso educador americano Cyrus Peirce. Aos 17 anos, abriu sua própria escola para meninas, com ênfase para o ensino de ciências e matemática. Atuou ainda como bibliotecária e palestrante na área de ciências.

Mary Mitchell foi também professora de astronomia no Colégio Universidade Vassar, em Nova York. Foi cofundadora e fez parte ativa de uma organização feminista, a “Associação para o Avanço das Mulheres”, sendo colega de sufragistas como Elizabeth Cady Stanton, além de estimular a participação de mulheres nas ciências. Foi a primeira mulher oficialmente empregada em um campo acadêmico como “observadora celestial”. Homenageada pelo rei Frederico II, da Dinamarca, um entusiasta da astronomia, com uma medalha de ouro. Sua família pertencia ao movimento religioso Quaker, conhecidos por suas ações antiescravistas e por valorizar universalmente a educação, incluindo, pois, a mulher. Faleceu aos 28/06/1889, aos 70 anos, em Wisconsin.



## Mulheres cientistas ao longo da história

A contribuição feminina para a ciência tem início há milênios, muito antes dos movimentos de revolução e emancipação feminina. Muito se sabe sobre gênios da matemática e astronomia ao longo dos séculos, mas pouco se conhece, contudo, quanto à história e trajetória de mulheres cientistas. Uma das mais célebres foi Hipácia (370-415), nascida em Alexandria, Egito, filha de Theon de Alexandria, também filósofo, matemático e astrônomo. Recebendo primorosa educação familiar, Hipácia viveu no tempo em que Alexandria era o centro intelectual e cultural do mundo ocidental, aí desenvolvendo seus estudos de arte, ciência, literatura, oratória e retórica comuns à época. Dedicou-se ainda a uma rigorosa disciplina física e estética, de forma a atingir o ideal helênico, importante na aceitação e integração das pessoas na sociedade da época.

Estudou, segundo alguns autores, na Academia NeoPlatônica de Atenas. Regressando a Alexandria, tornou-se exímia mestra, desenvolvendo ainda tratados sobre a álgebra de Diofanto, a filosofia neoplatônica de Plotino, a astronomia de Ptolomeu e matemática clássica. Um de seus mais conhecidos alunos foi o renomado bispo e filósofo Sinésio de Cirene, com quem manteve vasta correspondência científica, em especial nas áreas de física e astronomia. Atribui-se a Hipácia o mapeamento de corpos celestes e a invenção do hidrômetro. Suas obras se perderam em grande parte com o incêndio da Biblioteca de Alexandria e o saque do Templo de Serápis. Vivendo uma época de luta entre o paganismo e o cristianismo, Hi-

pácia foi vítima de influentes grupos cristãos, açulados pelo bispo de Alexandria, que a assassinaram, queimando-lhe até os ossos. Uma mulher de fibra inquebrantável, que teve a força e coragem de entregar a vigorosa sabedoria antiga, tida como pagã, no meio de um mundo religioso florescente e agressivo, que viria a ceifar-lhe a vida, mas jamais suas ideias e sua reputação...

Outra grande pensadora foi a abadessa alemã Hroswitha de Gandersheim (935-1000) que estimulava as mulheres de seu tempo ao trabalho intelectual e científico. Registre-se sobremaneira a figura de Hildegarda de Bingen (Santa Hildegarda), religiosa abadessa que viveu entre 1098 e 1179. Foi uma excepcional médica e botânica, escrevendo valiosos livros a esse respeito. Tamanhas suas habilidades como médica que eram frequentemente confundidas com milagres! Seus feitos tornaram-se tão famosos que um asteroide foi batizado com seu nome, o 898 Hildegard. Reações surgiram no sei da hierarquia eclesial patriarcal opondo-se ao avanço das mulheres, incluindo até mesmo São Tomás de Aquino que afirmou ser a mulher mentalmente incapaz para manter uma posição de autoridade.

#### **Maria Gaetana Agnesi (1718-1799)**

Matemática espanhola famosa por métodos para soluções de equações, foi autora do primeiro livro de álgebra escrito por uma mulher. Atuou ainda como professora universitária.



#### **Ada Lovelace (1815-1852)**

Célebre por suas pesquisas com motores analíticos, ferramenta que permitiria e embasaria a invenção dos primeiros computadores. Suas observações sobre os motores são os primeiros algoritmos conhecidos.



#### **Elizabeth Arden (1884-1966)**

Formada em enfermagem, foi a criadora e pioneira das primeiras fórmulas de produtos de beleza. Iniciou suas atividades preparando cremes contra queimaduras, daí buscando receitas de cremes hidratantes. Nascia ali a Elizabeth Arden, uma das famosas empresas de cosméticos mundiais.



#### **Florence Sabin (1871-1953)**

Cientista americana, estudou os sistemas linfático e imunológico do corpo humano. Primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos. Foi uma combativa militante pelo direito de igualdade das mulheres.



#### **Virginia Apgar (1909-1974)**

Criadora da “Escala de Apgar”, exame que avalia recém nascidos em seus primeiros momentos de vida, o que contribuiu para a diminuição das taxas de mortalidade infantil. Especialista em anestesia, ela também descobriu que algumas substâncias usadas como anestésico durante o parto prejudicavam o bebê.



#### **Nise da Silveira (1905-1999)**

Psiquiatra renomada, Nise da Silveira foi aluna de Carl Jung. Lutou contra métodos de tratamento comuns à época para doentes mentais, como terapias agressivas de choque, confinamento, lobotomia. Presa durante a Intentona Comunista de 1935 simplesmente por possuir livros marxistas em sua residência. Na prisão acabou conhecendo o escritor Graciliano Ramos, que a transformou em uma personagem de seu livro “Memórias do Cárcere”.



#### **Gertrude Bell Elion (1918-1999)**

Médica e cientista americana criou medicações para suavizar os sintomas de doenças como Aids, leucemia, herpes, usando, para tal, métodos inovadores de pesquisa. Seus remédios matavam ou inibiam a produção de patógenos sem causar danos colaterais às células contaminadas. Ganhou o prêmio Nobel de Medicina de 1988.



#### **Johanna Dobereiner (1924-2000)**

Agrônoma, de nacionalidade tcheca, naturalizada brasileira em 1956, Johanna Dobereiner, com seus estudos sobre fixação biológica do nitrogênio, contribuiu para que o Brasil se tornasse um grande produtor de soja, economizando bilhões de dólares que seriam gastos anualmente com a importação de fertilizantes químicos. Suas descobertas permitiram que mais pessoas passassem a ter acesso a alimentos baratos. Foi ainda a principal pesquisadora do Proálcool.



A participação de mulheres na construção do pensamento científico remonta à antiguidade, ou seja, tão antiga quanto a própria ciência. Muitas foram as contribuições e realizações científicas femininas, embora as imensas barreiras enfrentadas. Nas mais diversas civilizações passadas, sempre houve a ativa participação de mulheres no campo da medicina. Na Grécia antiga, o estudo da filosofia natural era aberto às mulheres. Durante a Idade Média, os conventos foram importantes centros de educação para as mulheres e muitas dessas comunidades ofereceram notáveis oportunidades para pesquisas acadêmicas por parte de mulheres.

Com o surgimento das primeiras universidades no século XI, as mulheres viram-se, em grande parte, excluídas da educação universitária. Apenas a Itália destoaria dessa discriminação,<sup>(1)</sup> mormente na área médica, havendo o registro da cientista Laura Bassi, no século XVIII, assumindo uma cadeira universitária em um campo científico de estudos. Ainda assim, com todas as restrições, as mulheres seriam protagonistas em grandes avanços da ciência, tornando-se, várias delas, no século XIX, membros de sociedades eruditas e científicas, dentre elas Marie Curie, que recebeu em 1903 o Prêmio Nobel de Física e em 1911 o Nobel de Química por seus trabalhos sobre radiação. Entre 1901 e 2016, 48 mulheres receberam o Prêmio Nobel, das quais 19 nas áreas de física, química, fisiologia e medicina.

#### **NOTAS**

(1) A Universidade de Bolonha permitiu a presença de mulheres desde o seu início em 1088. A médica Trotula di Ruggiero ocupou uma cadeira na Faculdade de Medicina de Salerno, atendendo a seleta nobreza italiana nas áreas de ginecologia e obstetrícia. Outra médica, Dorotea Bucco ocupou, a partir de 1390, durante 40 anos, uma cadeira de medicina.

# MANOEL MARQUES DE CARVALHO

**Arquiteto construtor da Capela de São Tiago - 1761**



*Introdução* – Há, de nossa parte, despretensioso, talvez simplório intento, quando fazemos menção, alusão a fatos e personalidades da história local e regional, abordando-os em nossas desambiciosas páginas, amadorísticas palavras, porquanto nos faltam capacitação, metodologia. *O objetivo* – já o afirmamos reiteradamente – é o de consignar, fixar, de momento, tais relatos, cabendo a outros pesquisadores, oportunamente, aprofundarem os temas versados e, decerto, retificando-os, ampliando-os, enriquecendo-os.

O que sabemos, do que tomamos conhecimento – muitas vezes, via rica oralidade, em algum descontraído bate-papo de rua ou mesmo algum registro contingencial – aqui anotamos, acreditando possam contribuir para o resgate e o abrilhantamento de nossa memória, além de servirem de balizamento/referência para estudos posteriores e, quiçá, com o devido suporte bibliográfico-documental e metodológico. Assim, sobre Manoel Marques de Carvalho, reproduzimos já em algumas de nossas edições, a informação de que fora ele o arquiteto construtor da antiga Capela de São Tiago, na década de 1760. Documentações levantadas, como cartas de sesmarias, mostram-no como sesmeiro em terras de nosso atual Município (“Paragem das Laranjeiras”) e ainda alhures no Sertão de São Francisco<sup>(1)</sup> tendo ele sido também o construtor das capelas de Pium-i e São Roque de Minas, provável origem dessas cidades. De qualquer forma, Manoel Marques de Carvalho figura como um dos importantes vultos da história local e assim deve(rá) ser objeto de oportunos e mais consubstanciados estudos. Incluímos, ademais, nesta edição, teor de pesquisas realizadas pelo Dr. Luiz Antonio Lindquist, médico e historiador residente em Araraquara (SP), pentaneto de Manoel Marques de Carvalho, que vem desenvolvendo estudos genealógicos e familiares sobre a vida e obra de seu ilustre antepassado.

## NOTAS

(1) Por despacho de 24/03/1766 o Governador Luiz Diogo Lobo da Silva concede a Manoel Marques de Carvalho, “morador na Freguesia de São José, termo da mesma vila, Comarca do Rio das Mortes (...) na dita paragem, se havia pedido e concedido uma sesmaria a benefício da Capela do Apóstolo São Tiago...” uma sesmaria de três léguas de terras em o Sertão do Rio São Francisco para fazer fazenda de gado vacum, cavalar e outras criações...” (APM nº 140, Arquivo Colonial, 1ª secção – 1764-1766, fls. 179).

Por outro despacho de 22/08/1766, o citado Governador Luiz Diogo Lobo da Silva concede posse de “meia légua de terra” a Manoel Marques de Carvalho, “morador no bairro de São Tiago Maior e Santana, termo da vila de São José, da Comarca do Rio das Mortes, que ele suplicante, possuía uma roça que constava de matos virgens e capoeiras a qual houvera parte dela por título de compra que fizera de Tomas Ferreira e as outras partes por título de rematação feita a João Ferreira...” (idem – APM nº 140, fls. 184).

## DADOS BIOGRÁFICOS

Manoel Marques de Carvalho, segundo a oralidade e ainda informações de descendentes<sup>(1)</sup>, era arquiteto e mestre de obras, sendo ele o construtor da capela de São Tiago Maior e Sant’Ana, por volta de 1761. Era ele ainda sesmeiro na “Paragem das Laranjeiras”<sup>(2)</sup>. Teria residido aqui entre meados da década de 1750 até meados ou fins da década de 1760, daqui explorando, igualmente, terras na região da Canastra ou Sertão de São Francisco, hoje região de Pium-i e São Roque de Minas<sup>(3)</sup>.

Manoel Marques de Carvalho nasceu aos 05 de Maio de 1727 na freguesia de Ruivães Vila Nova de Famalicão, termo de Barcelos, Arcebispado de Braga, filho de Gabriel Marques de Sá Carvalho e Escolástica Pereira. Casou-se em Portugal com Mariana, tendo o casal uma filha, Maria Marques de Carvalho, nascida em 1752. Enviuvando-se, Manoel Marques decide migrar para o Brasil, acabando por fixar-se em São Tiago, então termo da Vila de São José Del-Rei (Tiradentes), possivelmente por volta de 1758 ou até mesmo antes (1754).

Manoel Marques de Carvalho foi aquinhado com a concessão de duas sesmarias, como vimos, inicialmente a da “Capela de São Tiago” (Código SC 140, fls. 194 – APM) e a do Sertão do Rio São Francisco (Código SC 140 fls. 179). Em 13/02/1767, o Governador Luiz Diogo da Silva concede a João Rodrigues de Faria carta de sesmaria na “Paragem das Laranjeiras”, havida por compra feita a Manoel Marques de Carvalho e outros (SC 140, fls. 235/236v). Casa-se em Barbacena aos 04/05/1761 com Tomásia Maria de Jesus, natural daquela localidade, filha ela de Francisco Xavier de Souza e Esperança do Rosário, açorianos. O casal Manoel Marques de Carvalho/Tomásia Maria de Jesus, segundo apuramos, teve os seguintes filhos:

I – Manoel Marques de Carvalho, nascido em 1762 e falecido em 07/10/1837 em Franca (SP). Casado com Rosa Maria dos Anjos. O casal teve duas filhas, nascidas em São João Del-Rei. A família seguiria para São Roque de Minas, onde em 1798, nasce seu filho José Francisco de Paula Marques, batizado na capela de São Roque, construída por seu pai. Manoel Marques de Carvalho (filho) acompanharia os passos do pai, atuando, igualmente, como arquiteto e construtor no interior de Minas e São Paulo, migrando para Franca, em 1804, onde constrói a primeira capela e se torna o “arruador da cidade”. (Ver box “Presença de Manoel Marques de Carvalho II em Franca/SP”) Em 1822, foi nomeado Alferes de Ordenanças da 2ª Companhia de Infantaria, além de exercer ali as funções de escrivão e juiz de paz.

Outros filhos do casal Manoel Marques de Carvalho II/Rosa Maria dos Anjos: Vicente Ferreira de Paula Marques e Cap. José Ferreira de Paula Marques (Fonte; a mesma do box).

II – Maria, batizada na Capela de São Tiago aos 15/08/1764, sendo padrinhos Domingos Alves Gomes e s/m Ana Barreto.

III – Marcelo Marques de Carvalho, nascido aos 30/10/1767 e batizado aos 10/11/1767 na freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo (Barbacena). Foram padrinhos seu tio materno José e D<sup>a</sup> Luzia dos Anjos, esposa de Manoel Machado. Marcelo Marques de Carvalho casou-se com Teodora Vicência de Jesus, aos 19/10/1797, em Tiradentes, filha de Pedro Machado Ferreira e Mariana da Borba. O casal Marcelo Marques/Teodora Vicência teve 8 filhos: Pedro<sup>(2)</sup>, Maria, Vicência, Manoel, Francisco, Teodoro, Geremias.

IV – Gabriel Marques de Sá Carvalho, casado com Joaquina Maria de Jesus, aos 15/08/1791, na Capela de São Tiago, filha ela de Manoel da Costa Afonso e Ana Maria de Jesus. Maria Joaquina da Glória, uma das filhas do casal Gabriel Marques/Joaquina Maria, casou aos 24-11-1808 na capela de São Tiago com Manoel da Silveira Machado, filho homônimo de Manoel da Silveira Machado e Ana Maria de Almeida, tendo como padrinhos Manoel da Costa Afonso e Esméria Clara de Santa Rosa. Ana Maria de Almeida era filha de Domingos da Costa Afonso e Maria de Almeida e Silva (Projeto Compartilhar – Costa Afonso).

V – Francisco Xavier Marques casado com Maria Rosa.

(Fonte: Projeto Compartilhar: “Os Ávila Raposo” / Pesquisas do Dr. Luiz Antonio Lindquist).

#### NOTAS

(1) Segundo o médico Dr. Luiz Antonio Lindquist, historiador e genealogista, descendente de Manoel Marques de Carvalho, seu penta-avô era mestre-construtor itinerante, edificando capelas em nosso Estado: São Tiago, Pium-i, São Roque de Minas (para onde migrara, por volta de 1766/1767, ali tomando posse de sesmaria), atuando ainda no interior de São Paulo.

(2) Manoel Marques de Carvalho em 22/08/1766 recebeu sesmaria “matas virgens de capoeira no bairro Santiago Maior e Santana” (APM Código SC-140, fl. 194) Receberia também sesmaria em 24/05/1766, no “sertão do Rio São Francisco” (APM Código SC-140, fl. 179). O Cap. João Rodrigues de Faria recebeu, em 13/02/1767, as terras (títulos de sesmaria) das Laranjeiras, adquiridas de várias pessoas, dentre elas Manoel Marques de Carvalho (APM – Código SC 140-235-236v e Projeto Compartilhar: João Rodrigues de Faria).

(3) No texto “Estudos para a história de Tamanduá” (Itapeceirica), a autora Célia Lamounier informa: Tópico “Piui” – “arraial em 1752 e capela construída por Manoel Marques de Carvalho em 1754 (sic)” No tópico “São Roque de Minas, a autora escreve: “Capela em 1754 construída por Manoel Marques de Carvalho” (Fonte: [www.celialamounier.net/itapeceirica.2.htm](http://www.celialamounier.net/itapeceirica.2.htm)).

Encontramos ainda: São Roque de Minas – “O povoado surgiu em 1762, graças à fé e força de seus habitantes, que levantaram uma capela em honra a São Roque, na fazenda de Manoel Marques de Carvalho, o fundador da cidade” (Fonte: [www.visitbrasil.com/destinos/sao-roque-de-minas](http://www.visitbrasil.com/destinos/sao-roque-de-minas))

Manoel Marques construiu em sua fazenda, em 1768, a capela em honra a São Roque, origem da atual cidade de São Roque de Minas. Nas “Visitas Pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825)” encontramos “...a paróquia de Piui foi criada em 1754 e a de Bambuí em 1768; conheceu-se perfeitamente que a ermida de São Roque foi fundada por Manuel Marques de Carvalho em terreno de sua fazenda e que este foi o mesmo que promoveu a ereção da paróquia de Piui, tendo de passar somente o rio denominado então geralmente Cabrestos Grande (São Francisco) e caminhos assaz planos...” (p. 280).

#### PESQUISAS/CÓPIAS

- Carta de sesmaria em nome de Manoel Marques de Carvalho, em data de 22/08/1766 – capela de Santiago Maior e Santana
- Carta de sesmaria também em nome de Manoel Marques de Carvalho em 24/05/1766 no “sertão do Rio São Francisco”

## PRESENÇA DE MANOEL MARQUES DE CARVALHO II EM FRANCA (SP)

“O caso do plano em forma de cruz para a freguesia de Franca é esclarecedor (...) Após a criação da freguesia, com a doação de patrimônio e ereção da capela – seguindo os preceitos das Constituições Primeiras - idealizou-se um plano que trazia temas de urbanismo clássico, adotando-se uma concepção muito comum nas cidades setecentistas mineiras onde cada templo ficava de frente um para o outro. A adoção do plano em forma de cruz impediu a construção de casas desordenadas ao redor da pequena igreja de taipa, construída de forma improvisada, mas que não tardaria a receber outros templos.

O plano ou, antes, um esboço feito para a freguesia por volta de 1805, já havia sido mencionado por alguns historiadores e memorialistas locais. Esse curioso projeto foi atribuído a Manoel Marques de Carvalho. Evidenciava o modo como o universo urbano encontrava-se permeado pelo sentido da religiosidade, pelo menos em seus primeiros passos. Todos os eventos, ocorridos em sua vida inicial, foram marcados pelo sagrado, já que a Igreja controlou tanto o espaço físico quanto o espaço social e cultural do povoado por quase 200 anos”.

“Povoados eram elevados à vila sem possuir o prédio da Câmara e cadeia, moradores não seguiam os artigos das posturas referentes ao alinhamento das edificações. Nesse sentido, nas posturas já se estipulava a contratação de arruadores, homens que entendessem dos pontos cardeais, que conhecessem o manejo da “agulha”.

“O arruador francano (Manoel Marques de Carvalho II) adotou uma inspiração monumental marcada pela simplicidade, pela grandeza e pelo gosto, as linhas puras e retas. Seguramente, ele conhecia alguns conhecimentos elementares de geometria simples...”

(Júlio César Bentiroglio – “Planejamento urbano no século XIX – o plano em forma de cruz de Franca-SP (1805)”. Unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index/php/shcu/artificie – acesso em 28/07/2016).

# Serra de São José

**A PRIMEIRA E ÚNICA RESERVA PARA LIBÉLULAS NO  
BRASIL TEM SUA LISTA DE ESPÉCIES PUBLICADA**



Acaba de ser publicado o trabalho liderado pelo biólogo Lúcio Bedê, Coordenador de Projetos do Instituto Terra Brasilis, realizado em parceria com o Professor Angelo Machado, da UFMG, e os biólogos Werner Piper e Marcos de Souza sobre a lista de espécies de libélulas da Serra de São José, MG.

O trabalho, publicado na Revista especializada *Notulae odonologicae*, traz os resultados de levantamentos da fauna de libélulas feito por esses profissionais na região, que abrange partes dos municípios de Tiradentes, São João Del Rei, Santa Cruz de Minas, Coronel Xavier Chaves e Prados.

Foi a partir dos resultados de um levantamento da fauna de libélulas, feito por esses profissionais na Serra de São José e entorno – municípios de Tiradentes, São João Del Rei, Santa Cruz de Minas, Coronel Xavier Chaves e Prados – que o Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG) decidiu criar na região, em 2004, o 'Refúgio de Vida Silvestre Libélulas da Serra de São José'. Desde então, esforços complementares de levantamento de espécies de libélulas foram realizados na região, alcançando a marca de 128 espécies.

O Instituto Terra Brasilis participou ativamente da proposta de criação dessa unidade de conservação, que tem como principais objetivos a proteção dos importantes mananciais hídricos da Serra de São José e sua biodiversidade.

A Serra de São José está entre as áreas mais ricas em libélulas já inventariadas no Brasil e no mundo, apesar de seu tamanho relativamente pequeno: 3.720 hectares. O motivo dessa elevada riqueza, acreditam os autores do trabalho, é a variedade de habitats úmidos que a Serra abriga.

Localizada em uma área de contato entre o Cerrado e a Mata Atlântica, e com a presença de formações de campos rupestres em áreas que alcançam mais de 1.400 m de altitude, o Refúgio abriga uma grande variedade de ambientes úmidos – como brejos,

córregos, rios, lagoas marginais e açudes, em diferentes contextos ambientais. Em uma das áreas de mata mais conservadas da Serra, onde fica a nascente do chafariz da cidade de Tiradentes, os pesquisadores descobriram ainda uma espécie de libélula nova para a ciência, que, em homenagem à cidade, recebeu o nome de *Heteragrion tiradentense*.

O Refúgio de Vida Silvestre Libélulas da Serra de São José foi a primeira unidade de conservação criada para a proteção de libélulas no Brasil. Refúgios como esse são populares no Japão, onde as libélulas tem um importante significado cultural, mas são ainda raros em todo o mundo – na Europa há refúgios para libélulas criados na Escócia, Holanda e Finlândia.

Além de participar da criação do Refúgio, o Instituto Terra Brasilis também trabalhou na criação e implantação de dois centros de visitação permanente: a Casa das Águas, em Tiradentes (Águas Santas), onde é apresentada a geodiversidade da Serra de São José, sua formação, testemunhos de sua história geológica e seus recursos minerais – como por exemplo a sua fonte de água mineral, e a Casa da Serra, em Prados (Pinheiro Chagas), que tem como grande destaque a fauna de libélulas, além dos temas relacionados ao meio físico, a biodiversidade e aos biomas ali representados. As mostras exploraram aspectos gerais da paisagem natural do refúgio e enfatizam a relação das libélulas com os seus habitats: as libélulas são consideradas importantes indicadoras da saúde dos ecossistemas aquáticos, como córregos, rios, lagoas e açudes.

## REFERÊNCIA:

Bedê, L.C.; Machado, A.B.M.; Piper, W. & de Souza, M.M. 2015. Odonata of the Serra de São José – Brazil's first Wildlife Reserve aimed at the conservation of dragonflies *Notulae odonologicae* 8(5): 117-127.



## Querido Vô Jackson,

São tantas histórias contadas por ti, do primeiro passeio de avião ao Paraná com seu irmão Aurélio, dos antepassados e causos da família Ribeiro, da origem do nome Jackson – uma homenagem do seu pai e escritor e poeta, e destaque em especial, as narrações da Fazenda “Saudade de Zélia” e da antiga Granja “Santa Rita de Cássia”. Todas narrações marcantes!

Filho de Carlos Batista da Silva e Hormandina Melo e Silva, nasce, aos quinze dias do mês de junho de 1.928. Aos oito meses sua querida mãe acometida por enfermidade grave à época, falece, deixando o homenageado à mercê da sorte.

Pouco tempo depois nosso querido Carlos Silva casa-se novamente, com sua segunda mãe, Sr.<sup>a</sup> Maria da Glória da Silva, aqui acontece de fato o primeiro milagre de sua vida!

Dona Glorinha, carinhosamente chamada, ao receber em sonho uma mensagem de sua primeira mãe, relatando que viria “buscar Jackson”, por motivo de moléstia desta pequena criança... Ela chorosa anuncia que o amava e que não queria que ele partisse tão prematuramente.

Acorda assustada e pensativa, requerendo uma confirmação do sonho.

A progenitora, novamente retorna em novo momento e diz: ao amanhecer, vá até a bica e recolha a Erva de São João! Faça um chá para nosso pequeno filho!

Ao acordar prontamente lembrou-se do “sonho” e realizou a tarefa designada, com muito gracejo e esmero.

Tu és especial Sr. Jackson, teve e tem duas mães.

**ESTA CRIANÇA HOJE COMPLETA 90 ANOS, QUE DÁDIVA! UM MILAGRE ACONTECEU.**

Ao pé da jabuticabeira então plantada, suor, luta e subjungando forte em terra própria; conquista alcançada!

Com esperança e fé em um novo mundo formou-se ao tempo, a grandiosa e bela família com seus filhos, netos e bisnetos.

Trago-lhe lembranças minhas: passeios na roça nas férias; brincadeiras com primos e primas; comida gostosa no fogão a lenha; a vaca Mascarada... Pássaros a cantarolar; chupar mexerica no pomar; aventuras com os tios no trator, onde desbravamos matas e caminhos desconhecidos com aquele clima aventureiro de criança; conversas ao fim do pôr-do-sol no retiro e na sede da fazenda, ao pé da cama quentinha da casa da Vô e Vó... Júbilos gravados no íntimo que não esquecerei!

Afago não falta!

Acontecimentos e histórias contadas, nossas vidas, memórias que ficarão registradas pelos tempos. Vô que sempre trouxe palavras cativantes, edificantes e a confiança num futuro melhor para todos.

Externo o respeito por este grande homem e agradeço a oportunidade dada!

E em poucos dias, acontece o nascimento de seu nono bisneto: Otto Resende Ribeiro, com a graça do Senhor.

Do seu neto que muito lhe admira e que de fato carrega seu nome com muito orgulho!

Sinceramente,

Aos 15 dias de junho de 2018.

*Pablo Jackson*



*Observatório particular em Oliveira (MG), um dos poucos do Hemisfério Sul a caçar asteroides próximos à Terra, descobre sétimo cometa em quatro anos (Ilustração: Iago Novais)*

# Um cometa brasileiro

Era uma noite normal, à caça de pequenos corpos celestes, quando algo inesperado aconteceu. “Observávamos um cometa recém-descoberto quando encontramos o Barros”, explica o astrônomo amador e engenheiro Cristóvão Jacques. “A descoberta foi meio aleatória.”

Ele se refere ao C/2018 E2 (Barros), mais novo cometa “brasileiro”. Foi detectado em março por João Ribeiro Barros, colega de Jacques e um dos membros do Sonear, observatório particular que pesquisa asteroides próximos à Terra.

Por enquanto há poucas informações sobre o cometa Barros. Sabe-se que ele leva milhares de anos para completar uma órbita. Passou “perto” do Sol (o chamado periélio) em novembro de 2017 — ainda assim, a uma distância equivalente a quase quatro vezes a da Terra até o Sol.

Ele gira em sentido contrário ao dos planetas e sua trajetória, comparada à da Terra, é bastante inclinada (98 graus). A composição permanece um mistério.

Localizado na pequena cidade mineira de Oliveira, o Sonear é um dos poucos observatórios a estudar asteroides e cometas ao sul do Equador. “A maioria está no Hemisfério Norte”, afirma o engenheiro.

Desde a inauguração, em 2014, já acharam 28 asteroides próximos à Terra. Cometas foram sete — há pouco mais de 4 mil catalogados pelo Minor Planet Center (MPC), órgão vinculado à União Astronômica Internacional (IAU). “Somos um dos poucos amadores com essa performance, pode contar no dedo”, diz Jacques.

Os instrumentos do Sonear foram projetados para monitorar grandes porções do céu. “Um telescópio normal pega uma pequena área com um grande aumento, já os nossos monitoram uma grande área com pouco aumento”, diz. O maior cobre uma área equivalente à de nove luas cheias.

Em 2017, o Sonear quase foi fechado por falta de recursos. Foi salvo pelo financiamento coletivo. “Fizemos uma vaquinha virtual e levantamos o dinheiro que nos permitiu continuar as atividades.”

**Fonte: Revista Galileu**



# CAMINHO DO COMÉRCIO

## Um trecho pouco conhecido da Estrada Real

*Cidades como Andrelândia, Bom Jardim, Rio Preto e Madre de Deus fazem parte da antiga rota utilizada por comerciantes e tropeiros para escoar riquezas do interior de Minas Gerais para o rio de janeiro*

**ESTRADA REAL** – Nos últimos tempos a chamada “Estrada Real” tem despertado o interesse dos mais diversos segmentos da sociedade brasileira, principalmente daqueles ligados ao comércio e ao turismo. Em Minas Gerais a Lei 13.173/99 criou o programa de incentivo ao desenvolvimento do potencial turístico da estrada real, que tem como um de seus objetivos resgatar, preservar e revitalizar os pontos de atração turística e de lazer já existentes e os ainda não explorados, interligados pela famosa rota, que já tem sido comparada à de São Tiago de Compostela, na Espanha.

Mas ainda há muito o que se descobrir sobre a chamada Estrada Real, que não se trata de um caminho único como a designação, no singular, sugere. Na verdade, Estrada Real é um conceito amplo que designava, nos séculos XVII, XVIII e XIX, as várias estradas públicas administradas pelo Governo Português. Assim, ela abrange todos os antigos caminhos que em tempos passados foram percorridos por bandeirantes, tropeiros, índios, comerciantes e aventureiros nas capitanias das Minas Gerais, de São Paulo, do Rio de Janeiro, da Bahia etc. Na região sudeste a Estrada Real ligava as áreas de produção de ouro (Ouro Preto) e diamantes (Diamantina) aos portos de Parati e diretamente ao Rio de Janeiro.

Os dois mais conhecidos caminhos que integram o complexo emaranhado de vias de comunicação coloniais são os seguintes: a) o Caminho Velho, que ligava São Paulo e Rio de Janeiro às minas, passando por Parati, Taubaté, Guaratinguetá, Baependi, Carrancas e São João del-Rei; b) o Caminho Novo, concluído em 1725, que passou a substituir o Caminho Velho como rota de acesso do Rio de Janeiro às minas de Ouro Preto, passando por Paraíba do Sul, Matias Barbosa, Juiz de Fora, Barbacena, Conselheiro Lafaiete e Ouro Branco.

Esses caminhos eram fiscalizados e policiados pela Coroa portuguesa, que neles instalava postos de controle do tráfego de pessoas, animais, mercadorias e minerais - os chamados registros -, onde se pagavam taxas devidas ao Estado e se verificavam documentos dos viajantes.

**CAMINHO DO COMÉRCIO** – Um outro trecho importante da Estrada Real, mas ainda pouco pesquisado e explorado turisticamente, é o que se denominava “Caminho do Comércio” ou “Caminho do Rio Preto”, uma variante que foi aberta por volta do ano de 1813 para facilitar o trânsito de comerciantes e tropeiros entre São João del-Rei e o Rio de Janeiro. Essa rota, que partia do Caminho Novo em trecho compreendido entre os atuais municípios de Pati do Alferes – RJ e Paraíba do Sul – RJ, rumava em direção a Valença-RJ, depois seguia pelos antigos arraiais mineiros de Rio Preto, Bom Jardim, Turvo (atual Andrelândia), Madre de Deus, Rio das Mortes e, finalmente, chegava à Vila de São João Del-Rei. Tratava-se de uma via bastante movimentada e importante, sendo que pela mesma passou em 1819 o botânico francês Auguste de Saint-Hilaire em uma de suas incursões científicas pelo interior do país, com destino às nascentes do Rio São Francisco. Saint-Hilaire anotou em seu diário que a estrada era utilizada sobretudo para a condução de bois e porcos que eram levados da antiga Comarca do Rio das Mortes (sediada em São João Del-Rei) para abastecer o Rio de Janeiro e que tal caminho era muito mais curto do que qualquer outro. A observação de Saint-Hilaire ajuda esclarecer a função de alguns curiosos vestígios ainda existentes na região de Andrelândia, onde se podem visualizar pontos em que a antiga estrada, com alguns metros de largura, era delimitada lateralmente por profundos e

largos valos paralelos cavados na terra certamente para facilitar a condução dos animais, que ante os obstáculos laterais seguiam pelo leito da estrada sem possibilidade de extravio, o que facilitava em muito os trabalhos dos tropeiros e tocadores de bois e porcos.

**TURISMO** – O Caminho do Comércio é, sem dúvida alguma, uma importantíssima variante da Estrada Real e ao seu longo existe um número enorme e variado de atrativos culturais e paisagísticos, além de vários locais para a prática do chamado Ecoturismo. As belas cachoeiras e os tanques de criação de trutas da região compreendida entre Rio Preto e Bom Jardim; a arquitetura colonial, os sítios arqueológicos, as frutas, os doces, o queijo e a cachaça de qualidade produzidos na região de Andrelândia; as fazendas e igrejas centenárias, as serras e as tradições folclóricas da região de Madre de Deus de Minas são pequenos exemplos do imenso e pouco conhecido potencial turístico desse caminho, que ainda precisa ser melhor conhecido e divulgado.

**PERSPECTIVAS** - Em julho de 2003 uma equipe do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do Alto Rio Grande, ONG destinada ao estudo e à preservação do patrimônio cultural e ambiental da região de Andrelândia, percorreu mais de cem quilômetros do antigo Caminho do Comércio, descobrindo e catalogando muitos vestígios de sua existência. Talvez tenha sido esse o primeiro passo para se resgatar a história e a importância do caminho, que pode ser, em breve, ao contrário do que ocorria há dois séculos atrás, uma rota de entrada de recursos para os municípios que tiverem competência para explorar, com racionalidade, preocupação preservacionista e profissionalismo, o promissor ramo do turismo na região.



Além de ser a ligação mais curta entre São João Del-Rei e o Rio de Janeiro, no Caminho do Comércio as taxas cobradas nos postos de fiscalização (Registros) eram mais baratas, o que incentivava o tráfego de tropeiros e comerciantes por tal via.

Marcos Paulo de Sousa Miranda

## O HOMEM NUNCA MORRE SE SUA HISTÓRIA PERMANECE



Quando criança, ainda na roça, meus pais aproveitavam os domingos, dias santos e entardecer diário para contar histórias reais ou fictícias da Sagrada Escritura, de bichos falantes, príncipes, princesas, fadas, bruxas, anões, duendes, assombrações. Criança curiosa, não via chegar a hora desse sublime, quase sagrado, lazer. Se fosse passear na casa de avós e tios, ou se eles viessem em minha casa, tinha sempre um momento reservado para a hora da história. Mas gostava mesmo quando o personagem era o Pe. José Duque de Siqueira. Eram causos e histórias que, na minha ingenuidade infantil, não sabia se eram de verdade ou se eram inventadas, mas eram interessantes e me ensinava algo que guardaria para sempre em minhas lembranças.

Gostava de acompanhar com olhos fixos, curiosidade e imaginação aguçada, admirando o respeito, o suspense, a surpresa e veracidade que eram impressos na expressividade oral e fisionômica do narrador, o que me fazia participar dos fatos como personagem coadjuvante da história.

Infelizmente não convivi diretamente com o Pe. José Duque, mas seus causos e histórias despertaram em mim o sonho de resgatá-las fazendo delas ponto de partida para formação de opinião e de caráter. Fizeram-me compreender a importância de um Homem de personalidade forte, culto, inteligente, alegre, jovial; de caráter marcante e ímpar, simples, cuidadoso, honesto, caridoso, acolhedor.

Sempre contei para meus filhos e alunos histórias e causos do Pe. José Duque repassando a eles, através de suas narrativas, exemplos e testemunhos do grande sacerdote, homem do Povo e líder religioso numa sociedade elitista, carente de recursos econômicos e socioculturais. Entretanto, do seu jeito simples e inteligente, levou o respeito, a fé e o amor de Deus a todos.

Que seus causos e histórias não se percam no tempo, pois são memórias de um povo que não podem ser desprezadas nem esquecidas.

CARLITA MARIA DE CASTRO E COELHO



## PÚLPITO = TRIBUNA

*Local mais elevado para falar,  
para anunciar.*

Este é o púlpito da Igreja Matriz de São Tiago, tantas vezes utilizado para anunciar festas, missas, reflexões, adoração ao Santíssimo e outras atividades.

Dele jorraram bênçãos e orientações para esta comunidade cristã.

Por ele passaram exímios oradores sacros, sacerdotes de formação acadêmica e religiosa de primeira ordem.

Homens consagrados e preparados para anunciarem o Evangelho.

Recordamos os vibrantes sermões do Calvário, do Encontro, do Descimento da Cruz e outros.

Ao contemplarmos este púlpito, relicário do mais vasto vocabulário bíblico, vemos nele, com os olhos da lembrança e da saudade, sacerdotes inesquecíveis como Monsenhor Elói, Padre José Duque, Padre Tiago Almeida, Padre Tiago Lara, Padre Nilson Reis, Padre José Dirceu e tantos outros, com suas imponentes vestes litúrgicas.

As mensagens que fluíam, do alto desta tribuna, eram como sementes jogadas à terra para germinarem e produzirem frutos de misericórdia, de fraternidade e de amor.

Como a água viva que brotou do poço de Jacó, brotaram deste púlpito sábias e vibrantes pregações dos mestres-sacerdotes e de muitos seminaristas que nele subiram.

Esta peça monumental, agora exposta no Memorial Santiaguense, enriquece o acervo da memória religiosa deste museu e nos faz viajar no tempo, contemplando a nossa própria história.

Cairu - Membro do IHGST  
Curadora do Memorial Santiaguense.  
São Tiago/Agosto/2017

# A saga da família Ribeiro da Silva na região de São João del-Rei

No começo da década de 1730, o português Antônio Ribeiro da Silva já estava morando na região

José Venâncio de Resende 23/12/2016



Capela do Mosteiro de Arnóia, em São João de Arnóia...

Os Resende das antigas fazendas da Pereira e da Boa Vista, em Resende de Costa, são conhecidos pela sua descendência dos Resende Costa de Lagoa Dourada. Mas há um outro ramo da família pouco conhecido - os Ribeiro da Silva da Fazenda do Rio Acima na antiga Vila de São João del-Rei, comarca do Rio das Mortes, entre os arraiais de São Gonçalo do Brumado e Santa Rita do Rio Abaixo.

Meu tataravô Luiz Ribeiro da Silva era casado - desde de 05 de novembro de 1845 - com Esmênia Maria de Almeida, neta paterna de Joaquim Pinto de Goes e Lara e de Ana de Almeida e Silva. Ana de Almeida era filha do português Antônio Ribeiro da Silva, fundador da família em Minas Gerais.

Luiz Ribeiro e Esmênia deixaram 14 filhos, entre eles as irmãs Ambrosina Augusta de Resende e Esmênia Maria de Resende. Ambrosina era mãe de José Augusto da Silva Resende - Zeca da Pereira - e de Antônio da Silva Ribeiro, mais conhecido por Antônio da Pereira. Já Esmênia era mãe de José Firmino de Resende, o Zeca da Boa Vista. Deixaram vários descendentes em Resende Costa.

Luiz Ribeiro nasceu na primeira metade do século 19 e faleceu em Tiradentes (MG) em 9 de outubro de 1889. Seu pai era o guarda-mor Antônio Ribeiro da Silva, falecido em 24 de agosto de 1863, deixando a viúva Constança Cândida de Jesus e cinco filhos.

Sabe-se que o guarda-mor Antônio Ribeiro era filho de outro Luiz Ribeiro da Silva, o capitão. Luiz Ribeiro foi batizado em 28 de agosto de 1752 na igreja de São Gonçalo (São Gonçalo do Brumado até 1923; depois Caburu e, a partir de 1990, São Gonçalo do Amarante\*), município de São João del-Rei (conforme certidão de batismo fornecida pela secretaria da Catedral de N. S. do Pilar), e casado com Maria Joaquina de Góes e Lara.

Este Luiz Ribeiro de meados do século XVIII era filho do português Antônio Ribeiro da Silva, nascido em 30 de outubro de 1695 na localidade de Segoa, Freguesia de São João de Arnóia, concelho (município) de Celorico de Basto (conforme consta de livro de batismo guardado no Arquivo Distrital de Braga, cidade ao norte do país).

Sabe-se que Antônio Ribeiro é filho de Francisco Ribeiro, este último casado em 16 de fevereiro de 1670 e falecido em 10 de novembro de 1702 em Segoa/Freguesia de São João de Arnoia. Desta região, Antônio Ribeiro partiu para se casar com Antônia Maria de Almeida e em seguida emigrar-se para a então Vila de São João del-Rei, em Minas Gerais, onde receberia o título de alferes.

## ENGENHO E OURO

O casal fundador da família Ribeiro da Silva no Brasil - Antônio Ribeiro e Antônia Maria - migrou de Portugal para a capitania de Minas Gerais na

década de 1730, diz Isaac Cassemiro Ribeiro em dissertação de mestrado em História da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)\*\*. O casal fundou uma fazenda de engenho e lavras de ouro na região da vila de São João del-Rei, mais especificamente na paragem do Rio Abaixo, entre os arraiais de São Gonçalo do Brumado e Santa Rita do Rio Abaixo.

Em testamento de 1774, Antônio Ribeiro declarou "ser os [seus] bens adquiridos e não hereditários", segundo inventário citado por Isaac. Como Antônio Ribeiro provavelmente se casara em Portugal, não teve acesso a terras na Colônia através do dote, observa Isaac. "O que também não exclui a possibilidade de Antônio ter conseguido algum dote dos pais de Antônia Maria, sua esposa, ainda na cidade do Porto, onde provavelmente se casou."

"O pai de Antônia Maria, o ferrador Jacinto Fernandes, natural da cidade do Porto, veio a falecer em São João del-Rei no ano de 1737. O que demonstra que vários membros da família da esposa do alferes migraram para a Colônia. Ao menos os pais dessa, duas irmãs e seus respectivos maridos, um deles irmão de Antônio, assim o fizeram."

Isto leva Isaac a considerar que "a família da esposa do alferes Antônio Ribeiro parece ter sido essa ponte, que lhe deu suporte ao migrar do Reino para a comarca do Rio das Mortes".

No começo da década de 1730, o casal, Antônio e Antônia, já estava morando na região, como atesta declaração do escrivão da irmandade de São Miguel e Almas da qual ambos eram membros desde 1733. Carta de sesmaria de 1748, assinada pelo governador Gomes Freyre, dizia que Antônio Ribeiro "... era senhor e possuidor de terras e matos (...) tinha escravos e fábrica para nelas exercitar a agricultura...". Segundo Isaac, pode-se inferir da carta de sesmaria "que o alferes havia comprado anteriormente as terras nas quais fundou sua fazenda. E que requereu sua sesmaria buscando resguardar-se de futuros conflitos com vizinhos".

## FAZENDA DO RIO ACIMA

Isaac acredita que "a pedra fundamental da fortuna amealhada pelo alferes, que deu origem a seus bens 'adquiridos e não hereditários', tratar-se-ia desta propriedade, a Fazenda do Rio Acima, adquirida por compra (forma mercantil de acumulação de riqueza), mas garantida e provavelmente expandida por uma mercê real, a carta de sesmaria (forma não mercantil de acumulação de riqueza)".

A Fazenda do Rio Acima, na paragem do Rio Abaixo no caminho entre os arraiais de São Gonçalo do Brumado e Santa Rita do Rio Abaixo, tratava-se de "uma unidade produtiva mista, combinando, ao menos durante certo tempo, a mineração com a atividade agrícola", descreve Isaac.

No inventário post-mortem dos bens de Antônio Ribeiro, realizado em 1777 e citado por Isaac, encontram-se arroladas três lavras de ouro, em sociedade com diversas pessoas, a maioria delas parentes. A lavra na "paragem do Rio Abaixo" tinha como sócios o furriel Manuel da Costa Gonçalves (padrinho de batismo de Barnabé, oitavo filho do alferes) e as herdeiras do falecido José Ribeiro da Silva.

A "lavrinha de goapiara" (invenção técnica de exploração das grupiaras) tinha como sócio Manuel Dias Ribeiro e "outra goapiara sita nas terras de planta dos herdeiros do falecido capitão João Ribeiro da Silva" (irmão do alferes) cujos sócios são os herdeiros do capitão.

O inventário faz referência, ainda, a "uma morada de casas sitas no Arraial de São Gonçalo, térreas, cobertas de telhas e seu quintal, tudo velho e parte com casas de Antônio Barbosa Rego e pelas outras de Manoel da Silva Pacheco (...)", cumpadre, concunhado e vizinho de Antônio Ribeiro no arraial, observa Isaac.

"Pelo estado de sua morada de casas de 1777, com 'tudo velho', podemos inferir que há um bom tempo ambos conviveram com suas famílias no arraial de São Gonçalo do Brumado, provavelmente aos finais de semana, quando das missas de Domingo, ou nos dias de festas religiosas, quando todos se dirigiam aos arraiais ou às vilas, como era costume na época." Isaac acrescenta que, com certeza, a "morada de casas" no arraial de São Gonçalo não era a residência fixa de Antônio Ribeiro e sua família.

## COINCIDÊNCIA?

Na cidade portuguesa de Amarante - cerca de 20 quilômetros de Cel-

rico de Bastos/São João de Arnóia, local de origem dos Ribeiro da Silva - existe uma igreja de São Gonçalo, construída entre 1543 (século XVI) e o século XVIII, tendo sofrido intervenções no século XX. Trata-se de monumento de estilo renascentista, maneirista, barroco e oitocentista, cuja obra foi deliberada pelo rei D. João III e a rainha D. Catarina.

Já a igreja de São Gonçalo do Amarante, no antigo arraial do Brumado, segundo informações orais, teria sido erguida antes de 1732. De acordo com José Antônio de Ávila, a obra "coincide com o uso do sistema de construção em taipa de pilão, arquitetura levada pelos paulistas para Minas Gerais".

Tudo indica que a igreja de São Gonçalo do Amarante, no distrito são-joanense, tenha sido construída pela família do português Antônio Ribeiro da Silva inspirado na igreja de mesmo nome em Portugal, considerando que o alferes e seus descendentes tinham grande influência no antigo arraial. Reforça esta especulação o fato de o capitão Luiz Ribeiro da Silva, filho de Antônio Ribeiro, ter sido batizado naquela igreja em 1752, duas décadas depois da sua construção.

Outra especulação é que Antônio Ribeiro da Silva tenha sido batizado na capela do Mosteiro de São João de Arnóia, em Celorico de Basto, que teria sido edificado no século X por Múni Moniz - descendente de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal -, cujo túmulo vazio se encontra no seu interior. Tudo leva a crer que a família Ribeiro da Silva era de origem humilde. Sendo assim, dificilmente seria proprietária de quinta ou solar com capela própria, como era tradição entre as famílias ricas e fidalgas da época.

### "UNIDADE PRODUTIVA COM MINERAÇÃO"

De acordo com Isaac, a "fazenda do engenho", na "Paragem do Rio Abaixo", era "o mais valioso dos bens de raiz de Antônio Ribeiro". Em 1777, "a unidade produtiva ligada à agropecuária (Fazenda do Rio Acima) era bem superior aos bens de raiz ligados à mineração, suas lavras auríferas". Esta diversificação das atividades econômicas leva Isaac a considerar que "poderíamos enquadrar a fazenda de Antônio na categoria de 'unidade produtiva com mineração'".

Segundo inventário citado por Isaac, a Fazenda do Rio Acima era constituída de casas de vivenda cobertas de telha e senzalas, paiol, moinho, bananal, engenho de cana e de farinha e terras de cultura e poucas matas virgens. "A presença de dois engenhos, 'de cana e de fazer farinha', demonstra que ao menos dois produtos agrícolas eram beneficiados na fazenda: o milho e a cana."

"A referência ao 'Paiol' da Fazenda do Rio Acima, local de armazenamento do milho, indica que na propriedade certamente existia a lavoura desse cereal, produto básico da dieta familiar e da escravatura." Além disso, prossegue Isaac, a cana-de-açúcar provavelmente foi cultivada e certamente beneficiada na fazenda. "É possível que o engenho de cana da fazenda produzisse o açúcar, a aguardente, o melado e a rapadura para o consumo interno da unidade produtiva, sendo o excedente comercializado nos arraiais próximos e na vila de São João del-Rei."

### NOTES

Entre os bens descritos no inventário de Antônio Ribeiro, destacam-se os "dotes" (39% da sua riqueza), as "dívidas ativas" ou valores que outras pessoas deviam ao alferes (23% da sua fortuna) e o número de escravos (22% do total). Isto, apesar de o número de escravos do alferes ter chegado a 56 indivíduos, fazendo com que sua escravaria superasse em mais de três vezes a média constatada para o nível de fortuna no qual se encontrava, observa Isaac.

Já os bens de raiz ("Bens Imóveis") - a casa no arraial, a Fazenda do Rio Acima e as lavras de ouro tidas em sociedade - representavam 12% do valor total do inventário.

Em relação aos dotes, Antônio Ribeiro contemplou as filhas Mariana, quando se casou o tenente coronel Marcos Magalhães, e Genoveva, ao se casar com Manoel Coelho dos Santos. "As duas últimas filhas mulheres do casal fundador da família Ribeiro da Silva não receberam dote por terem se casado somente após a morte de seus pais", relata Isaac.

Já o filho Manoel, que migrou para a região de Formiga, recebeu dote ao se casar com Maria Sabina Torres em 1764. "Com a morte do pai, é provável que Manoel Ribeiro tenha vendido o referido sítio (A Barra do Ribeirão dos Anjos), pois migrou para Formiga, no sertão do Campo Grande, onde já havia se estabelecido no ano de 1779", diz Isaac.

Deram-se melhor os irmãos padres (Miguel, Barnabé e Damaso) de Manoel Ribeiro, que "receberam para se ordenar" entre 12 e 14% do valor total dos dotes.

### DÍVIDAS ATIVAS

Noventa e dois por cento das dívidas ativas do alferes diziam respeito a créditos ou empréstimos cedidos a filhos ou membros de sua família, observa Isaac, "o que no caso dos filhos pode ser considerado um adiantamento da herança". Apenas 8% das dívidas estavam nas mãos de

pessoas que seriam "alheias à rede familiar de Antônio Ribeiro. O que nos permite deduzir que parte considerável da fortuna do alferes foi empregada no financiamento da montagem de novas unidades produtivas ligadas a seu grupo familiar, ou seja, a soma dos dotes, 39%, e os 21% das dívidas ativas que se encontravam na mão de parentes do alferes, totalizando 60% dos bens descritos em seu inventário".

Alguns dos filhos de Antônio Ribeiro foram mais favorecidos no adiantamento de seus bens, de acordo com Isaac. O padre Barnabé Ribeiro ficou com 22% desses bens, seguido das filhas mais velhas, Mariana e Genoveva, com respectivamente 20% e 15% dos adiantamentos. "Por fim, temos o filho homem, não padre, Luiz Ribeiro da Silva, que recebeu 14% dos adiantamentos. Os demais filhos e parentes que receberam bens adiantados somaram todos juntos 29% do valor total."

Segundo Isaac, "mesmo após a partilha dos bens do inventário, alguns filhos continuaram a ser privilegiados". O padre Barnabé "continuou a ser o filho que mais recebeu bens da unidade produtiva paterna, ficando com 15% do valor total dos bens que foram distribuídos". O filho Luiz Ribeiro da Silva aparece em seguida, com 13%.

O padre Barnabé tornou-se grande fazendeiro na região de Formiga, onde possuía duas fazendas ao falecer, "deixando indícios de ter constituído família", relata Isaac. Luiz Ribeiro da Silva "também se empenhou na produção agrícola, e parece ter adquirido, certamente com auxílio da herança e dos adiantamentos paternos, uma fazenda de engenho que pertenceu à família de sua esposa, a Fazenda do Mato Dentro. Luiz Ribeiro também deu prosseguimento às atividades produtivas da fazenda que foi de seu pai, a Fazenda do Rio Acima, mantendo-a em sua posse".

### ARRAIAL DAS LAJES

A partir da análise de 40 inventários, Isaac constatou que "os membros da família Ribeiro da Silva, seguindo a tendência da economia mineira do século XIX, formaram fortunas consideráveis para a região, por meio da produção de gêneros alimentícios destinados ao abastecimento interno, tanto da Província quanto do Império".

Dos inventários analisados, 37,5% (15 fazendeiros) concentravam-se na faixa denominada "grandes baixas" fortunas típica da região (na classificação adotada por Isaac). "O que significa dizer que mais de 1/3 dos membros da família, segundo nossa amostragem, atingiu o patamar máximo de acumulação de riqueza proporcionado à categoria de fazendeiros na economia de produção de alimentos, predominante na Comarca do Rio das Mortes." Estes 15 fazendeiros detinham juntos 81% de toda a riqueza levantada para os 40 inventários da família.

Já os 17 fazendeiros (42,5% dos inventários), com fortunas "médias altas", tinham juntos apenas 18% do total da riqueza do grupo. Os restantes 6 fazendeiros (17,5%), com fortunas médias, e o único, com fortuna abaixo desta faixa, detinham juntos aproximadamente 1% da riqueza total do grupo. O que leva Isaac a concluir: "os 15 indivíduos que atingiram as maiores fortunas da família possuíam juntos 4,5 vezes a riqueza total dos 17 indivíduos que vinham depois na escala de fortunas."

Isaac demonstrou, ainda, que, em seu conjunto, as fortunas foram distribuídas desigualmente entre os povoados para onde membros da família migraram no século XVIII e deixaram descendência no século XIX (Formiga, Carrancas, Ibituruna, Lage, Oliveira, Santa Rita e São Vicente). "Demonstramos que, no Oeste da comarca do Rio das Mortes, arraiais como Oliveira e Lage tornaram-se propícios a formação de fortunas ligadas ao abastecimento no século XIX, tanto pela eficiência das estratégias familiares levadas a cabo pelo grupo nessas regiões, como por uma característica econômica própria desses lugares..."

Segundo Isaac, a maior parte da fortuna da família, medida pela participação percentual no total da riqueza do grupo, encontrava-se na sub-região de Oliveira (43%). Em seguida, aparecia a sub-região do arraial da Lage (Resende Costa), que detinha 29% do total das fortunas da família.

Ambas, de acordo com Isaac, "correspondem exatamente às sub-regiões para as quais encontramos os grupos formados por membros da segunda geração da família com maiores índices de endogamia em sua descendência". Em outras palavras, "o grupo formado pela parentela dos irmãos Inácio Ribeiro da Silva e José Ribeiro de Oliveira Silva, na sub-região de Oliveira, e o grupo formado pelos descendentes de Ana de Almeida e Silva (filha do casal fundador da família Ribeiro da Silva) com o capitão Joaquim Pinto de Góes e Lara, no arraial da Lage".

\*"Restauração da Igreja do Distrito São-joanense de São Gonçalo do Amarante", José Antônio de Ávila Sacramento, dezembro de 2008, [patriamineira.com.br](http://patriamineira.com.br)

\*\*Família e povoamento na Comarca do Rio das Mortes: Os "Ribeiro da Silva", Fronteira, Fortunas e Fazendas (Minas Gerais, séculos XVIII e XIX). Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/porta12-repositorio/File/pghis/DissertacaolsaacRibeiro.pdf>



# JOÃO GUIMARÃES ROSA

Guimarães Rosa foi um dos mais importantes e conceituados escritores brasileiros, fazendo parte, segundo os críticos, da 2ª geração modernista (Geração de 45). Natural de Cordisburgo, MG, onde nasceu aos 27-06-1908, filho de Florduardo Pinto Rosa (“São Fulô”), comerciante e Dª Francisca Guimarães Rosa (“Chiquitinha”). João foi o 1º dos seis filhos do casal. Além de escritor, foi diplomata e médico. Poliglota, dominava dezenas de idiomas, dentre eles o francês, inglês, espanhol, alemão, russo, italiano, esperanto, holandês, latim, grego etc.<sup>(1)</sup>. Realizou seus estudos secundários e superiores em Belo Horizonte e em 1930 forma-se pela Faculdade de Medicina de Minas Gerais. Foi médico na cidade de Itaguara<sup>(2)</sup>. Foi oficial médico do 9º Batalhão de Infantaria, atuando na Revolução Constitucionalista de 1932.<sup>(3)</sup>

Em 1934, ingressa na carreira diplomática no Itamarati. Um amigo do escritor, impressionado com sua cultura e erudição e principalmente seu notável conhecimento de línguas estrangeiras, sugeriu-lhe e o entusiasmou a prestar concurso para o Itamarati. O então oficial médico do 9º Batalhão de Infantaria, após alguns preparativos, prestou concurso para o Ministério das Relações Exteriores no Rio de Janeiro, obtendo o 2º lugar.<sup>(4)</sup>

Casado aos 27-06-1922 com Ligia Cabral Pena, consórcio de curta duração e que lhe dá 2 filhas – Vilma e Agnes.

Membro da Academia Brasileira de Letras, cadeira n. 2, na qual tomou posse três dias antes de morrer. Faleceu dia 19-11-1967, em pleno auge de sua carreira literária e diplomática, com apenas 59 anos, na cidade do Rio de Janeiro, vítima de infarto.

**OBRAS** – Guimarães Rosa escreveu contos, novelas, romances, sendo a maioria de suas obras ambientadas no sertão brasileiro, com ênfase nos temas regionais nacionais, mediadas por uma linguagem inovadora, plena de arcaísmos, neologismos, invenções linguísticas, termos populares etc. Foi Guimarães Rosa um exaustivo estudioso da cultura popular brasileira, merecendo destaque a sua obra premiada “Grande Sertão: Veredas”, publicada em 1956 e traduzida para diversas línguas. “Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente” escreveu a respeito de seus próprios escritos.

**OUTRAS OBRAS:** Magma (1936) Sagarana (1946) Com o Vaqueiro Mariano (1953); Corpo de Baile, dividido em três novelas “Manuelzão e Miguilim” “No Urubuquaquá, no Pinhém” e “Noites do Sertão” (1956)<sup>(5)</sup>; Grande Sertão: Veredas” (1956); Primeiras Estórias (1962); Campo Geral (1964); Estas Estórias (1969) Tutameia: Terceiras Estórias (1967) Ave, palavra (1970).

Foi colaborador de inúmeros jornais e revistas, dentre eles “A Manhã”, “O Globo”, revista “Pulso” etc. Os arquivos do escritor, abrangendo o período de 1908 a 1971, com aproximadamente 12.000 documentos, foram adquiridos pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo-USP. Muitos de seus contos e novelas foram adaptados para o teatro, cinema, televisão, música (várias minisséries, casos especiais).

## NOTAS

(1) Aos 7 anos, começou a estudar francês sozinho, por conta própria. Com a chegada em março de 1917 à cidade do Frei Canisio Zoetmulder, frade franciscano holandês, o menino não só prosseguiu o estudo de francês, como iniciou-se no holandês e rudimentos de alemão. Seus primeiros estudos primários em Cordisburgo foram na Escola Mestre Candinho; terminou o curso primário no Grupo Escolar Afonso Pena em Belo Horizonte, para onde se mudara aos 9 anos, para morar com os avós. Iniciou o curso secundário no Colégio Santo Antonio em São João Del-Rei, aí permanecendo em regime de internato por pouco tempo, visto não ter conseguido se adaptar à comida. De volta a Belo Horizonte, matricula-se no Colégio Arnaldo, de padres alemães, aí aprimorando e dominando em pouco tempo o alemão.

Disse, certa vez, a uma prima estudante que o entrevistara. “Falo português, alemão, francês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo; Leio sueco, holandês, latim e grego (mas com o dicionário agarrado); entendo alguns dialetos alemães; estudei a gramática do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituânio, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do tcheco, do finlandês, do dinamarquês; bisbilhotei um pouco a respeito de outras. Mas tudo mal. E acho que estudar o espírito e o mecanismo de outras línguas ajuda muito a compreensão mais profunda do idioma nacional. Principalmente, porém, estudando-se por divertimento, gosto e distração”.

Em 1925, matricula-se na Faculdade de Medicina da (hoje) Universidade Federal de Minas Gerais.

(2) Médico recém formado em 1930, vai exercer a profissão em Itaguara, então distrito de Itaúna, onde permanece cerca de dois anos. Relaciona-se bem com a comunidade, inclusive com raizeiros, benzedores e receitadores, reconhecendo neles sua importância na atenção aos pobres e marginalizados. Torna-se grande amigo de um deles, Manoel Rodrigues de Carvalho, vulgo “São Nequinho”, que morava num grotão enfurnado entre morros num lugar conhecido por Sarandi. São Nequinho era espírita e foi o inspirador do personagem “Compadre meu Quelelém” em “Grande Sertão: Veredas”, uma espécie de oráculo sertanejo.

(3) Frustrado com a profissão de médico interiorano, região abandonada e sem qualquer infraestrutura – hospital, energia elétrica, telefone etc. – trabalha como voluntário da Força Pública durante a Revolução Constitucionalista (1932) onde convive e se torna grande amigo do também médico Juscelino Kubitschek. Em 1933, atua como oficial médico do 9º Batalhão de Infantaria em Barbacena, oportunidade em que conviveu com os dolorosos problemas dos internos em hospícios locais, e que lhes serviram de temas e personagens de inúmeros de seus contos (ex. o conto clássico “Soroco, sua mãe, sua filha”). Nesse período ainda, em convívio com velhos milicianos faz demoradas pesquisas nos arquivos da Polícia Militar, obtendo valiosas informações sobre jagunços barranqueiros que atuaram na região do Rio São Francisco até a década de 1930 e que lhes serviram de subsídios para suas monumentais obras sobre nosso sertão.

(4) Em 1938, Guimarães Rosa é nomeado cônsul em Hamburgo, onde fica conhecendo Aracy Moebius de Carvalho, que viria a ser sua 2ª mulher. Em seu período na Alemanha, conseguiu – com a ajuda da esposa – proteger e facilitar a fuga de muitos judeus perseguidos pelo nazismo. “Se eu não lhes der o visto, vão acabar morrendo e aí vou ter um peso em minha consciência”, disse à época. Por esse gesto humanitário, Guimarães Rosa seria recompensado post-mortem em abril de 1985 pelo governo de Israel. Com o rompimento das relações entre Brasil e Alemanha em 1942, Guimarães Rosa e outros diplomatas brasileiros foram internados em Baden-Baden, sendo posteriormente libertados em troca de diplomatas alemães.

Retornando do Brasil, foi nomeado secretário da Embaixada na Colômbia, onde permaneceu até 1944. Em dezembro de 1945, de férias, retornou aos sertões mineiros, realizando viagens a cavalo em companhia de vários amigos, coletando material para suas obras. Em 1946, é nomeado chefe de

gabinete do ministro João Neves da Fontoura, participando da Conferência da Paz em Paris; em 1948 participa da IX Conferência Interamericana em Bogotá, na condição de secretário geral da delegação brasileira. Entre 1948 e 1950 atua como 1º secretário e conselheiro da embaixada brasileira em Paris. Em 1951 retorna às funções de chefe de gabinete de João Neves da Fontoura, realizando, nesse período, uma excursão ao Mato Grosso, tendo como resultado a reportagem “Com o vaqueiro Mariano”, matéria com o vaqueiro Manuel Narde, o Manuelzão (falecido aos 05-05-1997), protagonista da novela “Uma estória de amor” e incluída no volume “Manuelzão e Miguelim”.

Em suas andanças pelo sertão, Guimarães Rosa a tudo anotava: sobre flora, fauna, a gente sertaneja, seus usos, costumes, crenças, linguagem, superstições, versos, ditados, anedotas, canções, casos, estórias, enchendo, para tal, grossos cadernos de espiral.

Em 1962, assume a chefia do Serviço de Demarcação de Fronteiras, cargo que exerce com especial empenho, tomando parte ativa nos casos do Pico da Neblina (1965) e de Sete Quedas (1966). Já em 1958, começa a apresentar problemas de saúde (distúrbios cardiovasculares e hipertensão arterial) provocados em considerável parte ao excesso de peso, vida sedentária e tabagismo. Ainda em 1962, lança “Primeiras Estórias”, livro que reúne 21 pequenos contos, recebido pela crítica como “atordoante poesia”. Em 1963, candidata-se pela 2ª vez à Academia Brasileira de Letras (a 1ª vez fora em 1957, quando obtivera apenas 10 votos), sendo eleito por unanimidade. Só tomando posse, contudo, aos 16-11-1967.

Em janeiro de 1965, participa do Congresso de Escritores Latino-Americanos, oportunidade em que foi criada a 1ª Sociedade de Escritores Latino-Americanos, tendo Guimarães Rosa sido eleito vice-presidente ao lado do escritor guatemalteco Miguel Angel Astúrias que em 1967 receberia o Prêmio Nobel da Literatura. Em abril de 1967, vai ao México, representando o Brasil no I Congresso Latino-americano de Escritores, de que era vice-presidente. Publica, nesse ano, seu último livro “Tutameia”, uma obra

hermética e de alta densidade estilística, provocando nova efervescência no meio literário. Tomaria posse na Academia Brasileira de Letras aos 16-11-1967, falecendo três dias depois, levando nossa literatura a esferas até hoje desconhecidas. O autor, com seus experimentos linguísticos, seu mundo ficcional, renovou o romance brasileiro, concedendo-lhe caminhos até então inéditos, impondo-se ao Brasil e ao mundo inteiro. Um homem que dedicara sua existência à medicina, à diplomacia e fundamentalmente às suas crenças, expostas em sua grandiloquente obra literária.

(5) “Corpo de Baile”, lançado em 1956, segundo o prof. Ivan Teixeira, talvez seja o livro mais enigmático da literatura brasileira. As novelas que o compõem, constituem um sofisticado conjunto de logogrifos e charadas alçados à condição de alta revelação poética e de experimento metafísico. Detém e debruça-se o autor (GR), na abertura do livro (texto “Campo Geral”) na investigação da intimidade de uma família isolada no sertão, em que se destaca a figura do menino Miguelim, seu desajuste em relação ao grupo familiar e ao contexto social. Uma fábula do despertar do autoconhecimento e da apreensão do mundo exterior, um passeio cósmico pela geografia rosiana, algo que retorna à ideia básica de toda a obra do escritor: o universo no sertão e os homens são influenciados pelo cosmos (astros).

A obra de Guimarães Rosa é reconhecida por suas dimensões universalistas, cuja cristalização artística e auge é “Grande Sertão: Veredas”, 3º livro do autor, uma narrativa épica de 600 páginas, traduzida para dezenas de línguas, focalizando, numa nova dimensão, o ambiente e a gente rude do sertão. A história do amor proibido de Riobaldo (narrador) por Diadorim. Segundo Renard Perez, a obra “Grande Sertão: Veredas” destaca-se, além da técnica e da linguagem extraordinárias, pelo elevado poder de criação e inovação do autor e sua (ajuda na) análise dos conflitos psicológicos presentes na história da humanidade. A obra inusitada de Guimarães Rosa – sua temática, técnica, linguagem e inovação formal – tornam-no um caso especial na literatura nacional.

## ALGUMAS FRASES EXTRAÍDAS DAS OBRAS DE GUIMARÃES ROSA

- O correr da vida embrulha muito. A vida é assim: esquentada e esfria, aberta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”

- O senhor não vê? O que não é Deus, é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo. O inferno é um sem-fim que nem não se poder ver. Mas a gente quer Céu é porque quer um fim; mas um fim com depois dele a gente tudo vendo. Se eu estou falando às flautas, o senhor me corte. Meu modo é este. Nasci para não ter homem igual em meus gostos. O que eu invejo é uma instrução do senhor...

- Mire veja: o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.

- Viver é muito perigoso... Porque aprender a viver é que é o viver mesmo... Travessia perigosa, mas é a da vida... Sertão que se alteia e abaixa... O mais difícil não é um ser bom e proceder honesto, dificultoso mesmo é um saber definido o que quer e ter o poder de ir até o rabo da palavra.

- Quando eu morrer, que me enterrem na beira do chapadão, contente com minha terra, cansado de tanta guerra, crescido de coração

- Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo.

- Viver é um descuido prosseguido. Mas quem é que sabe como? Viver...o senhor já sabe: viver é etcetera...

- É preciso sofrer depois de ter sofrido, e amar, e mais amar, depois de ter amado

- Se todo animal inspira ternura, que houve, então, com os homens?

- Sussurro sem som – onde a gente se lembra do que nunca soube

- O mar não tem desenho, o vento não deixa o tamanho...

- Deus nos dá pessoas e coisas, para aprendermos a alegria... Depois, retoma coisas e pessoas para ver se já somos capazes da alegria sozinhos...Essa...a alegria que Ele quer

- Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.

- Felicidade se acha é em horinhas de descuido. Infelicidade é uma questão de prefixo

- Saudade é ser, depois de ter.

- Tudo, aliás, é a ponta de um mistério, inclusive os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece há um milagre que não estamos vendo.

- Viver para odiar uma pessoa é o mesmo que passar uma vida inteira dedicada a ela.

- Só se pode viver perto de outro e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura.

- Quem sabe direito o que uma pessoa é? Antes sendo: julgamento é sempre defeituoso, porque o que a gente julga é o passado.

## A RELIGIOSIDADE EM GUIMARÃES ROSA

Sabe-se que Guimarães Rosa era homem supersticioso, talvez por força de sua vivência sertaneja, essencialmente místico e dado a estudos religiosos e esotéricos. Acreditava na força da lua e dos astros; respeitava curandeiros, as crenças afroameríndias (dentre elas a Umbanda), tinha amplo conhecimento do Espiritismo (Kardecismo) e de tradições e religiões orientais. Profundo estudioso e conhecedor da mitologia clássica e de povos do mundo inteiro. Dizia que pessoas, casas e cidades tinham densidades e energias positivas e negativas, influenciando as emoções, sentimentos e a saúde humana e dos animais, tese próxima ao pensamento taoísta (feng shui).

Aconselhava os filhos e pessoas próximas a se afastarem de pessoas ou lugares que lhes causassem mal-estar.

Leitor de inúmeras publicações e textos religiosos, há informações de sua proximidade ainda com a Ciência Cristã (Christian Science), religião criada nos Estados Unidos em 1866 por Mrs. Mary Baker Eddy, que afirma a total primazia do espírito sobre a matéria (“The allness of the Spirit and the nothingness of matter”), habilitando o ser humano a compreender as nulidades dos sentimentos negativos, do pecado, da doença e da morte diante da totalidade e prevalência plena do Espírito.

# Sonho de Ipê

Ana Luiza Vieira Morais, 17 anos  
E. E. Afonso Pena Júnior

No segundo final de semana de setembro, ao surgir da aurora, o calor dos fornos de barro assando biscoitos, a melodia dos bem-te-vis e o cheirinho inconfundível de café recém-passado despertam da sonolência as ruas de São Tiago — uma cidadezinha no interior mineiro que nessa data celebra a Festa do Café-com-Biscoito.

A gentil Praça da Matriz se torna então “coração de mãe” para acolher os visitantes que vêm pra cá, todos atraídos pela renomada hospitalidade desde a época dos tropeiros e pela degustação gratuita de quitandas artesanais. Afinal, temos deliciosos pães de queijo; broinhas; torradinhas; biscoitos de fubá, goiabada, canela... Impossível não se deliciar com um cadinho de cada... se perder no emaranhado de formas, cores e sabores!

À tarde o sol é intenso e o melancólico Inverno dá lugar à formosa Primavera. Uma brisa quente brinca com a bainha do meu vestido, enquanto caminho pelos perfumados jardins da praça lotada. Observo a água jorrar da boca de um leão, aquele que guarda um garimpeiro enferrujado, paralisado no tempo e espaço, ainda à procura do ouro da Estrada Real. Decido me sentar e, com sorte, encontro o frescor da sombra sob um simpático ipê amarelo.

Enquanto o canto da talentosa Anna Vieira anima os transeuntes, me deleito com o show que a natureza compõe ao meu redor. Pouco depois percebo que, quando a copa da árvore de ipê é beijada por uma sutil ventania — a mesma que embala as borboletas azuis — broches de ouro vagarosamente despencam e formam um majestoso tapete pelas calçadas. Estou tão encantada que ouço sussurros e um estremecimento percorre minha espinha. O ipê quer me contar suas histórias e minha alma é invadida por aquela voz inebriante.

Faz mais de meio século que está ali, vivenciando as alegrias e tristezas do cotidiano tranquilo do interior. Um casal de velhinhos, que está a poucos metros de mim, iniciou o cortejo e trocou os primeiros beijos embaixo dele. O senhor de pele enrugada, aliás, abandonou o seminário para viver um amor como o dos cisnes, que escolhem apenas um parceiro para a

vida toda. Ele troca leves sorrisos e entrelaça olhares com a amada, partilhando um carinho raríssimo que se fundiu no tempo (e tenho certeza de que transcenderá a morte).

O ipê também é testemunha empolgada de algumas crianças que ensaiam seus primeiros passos, correm, caem se divertem. De flashes que, após o badalar dos sinos, eternizam noivos à porta da igreja.

Quando o crepúsculo cai, flagra a paquera evidente entre os jovens. Pela madrugada, ri dos embriagados fazendo juras de amor que nunca serão cumpridas. E sofre ao ouvir os anúncios fúnebres, acompanhar o passar das urnas e da tristeza. Em dias chuvosos ou gélidos, quando as pessoas evitam sair de casa, o ipê fica só.

As vozes de minhas amigas me tiram do transe, um novo show começará. Tenho a sensação de lágrimas nos olhos. Disfarço encarando o céu aveludado, onde já é possível notar os “furos de alfinete”. Hoje, mais do que nunca, sinto que quem se limita a ver e ouvir, sem ser guiado pela simplicidade e magia da imaginação, jamais terá “Alma de Ipê”.

